

AFONSO LOPES VIEIRA: o esteta de si-mesmo, por Cristina Nobre**A fecundidade literária (1878-1946)**

O homem mais inteligente, mas q. não tem sentimento estético, é um estúpido. (maço III, frag. 74)

A vida dum artista é sempre interessante, — porq. é sempre uma luta com o impossível. (maço III, frag. 112)

O homem, acima de tudo precisa para vivêr dar-se a *ilusão da fecundidade*. (maço V, frag. 125)

*Notas Diversas in
Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal. Inéditos (vol. II, IN-CM,
2005), pp. 266, 269 e 325 .*

A vocação literária de Afonso Lopes Vieira manifestou-se desde a meninice, com a naturalidade própria de quem assume uma herança afectiva irrecusável.

Nascido em Leiria (26 de Janeiro de 1878), numa família com largas tradições intelectuais — o tio-avô, António Xavier Rodrigues Cordeiro (Cortes, 1819-1900), tinha sido um dos nomes prestigiados do Romantismo português, colaborador de *O Trovador* e director do *Novo Almanaque de Lembranças*; o pai, Afonso Xavier Lopes Vieira, eminente advogado, foi director do semanário *O Districto de Leiria* — a educação sentimental do futuro poeta muito ficará a dever à sensibilidade de sua mãe, Mariana Lopes Vieira. Ao longo de toda a vida, na casa senhorial da aldeia das Cortes, perto de Leiria, herança do tio-avô, encontrará a reserva de sabedoria clássica ligada à riquíssima biblioteca, paciente e disciplinadamente acrescentada com o *amor aos livros*, sentimento que parece ter constituído um *gene* familiar. Lopes Vieira será o herdeiro deste tesouro, que irá aumentar e legar à cidade de Leiria.

Em 1884, os pais fixam residência em Lisboa, e aí frequenta a escola primária e o liceu. Mas nas férias grandes nunca abandona a casa de S. Pedro de Moel, há muito na posse da família de Lopes Vieira, local onde faz as primeiras tentativas poéticas e esboça o sonho de um primeiro livro, intitulado *Sete-Estrêlo*, que nunca publicará. Compõe uns jornalinhos manuscritos, com as informações do dia a dia e poemas seleccionados, distribuídos entre a elite dos veraneantes da praia, numa afirmação precoce da futura vocação literária. A partir de 1893, aparecem os primeiros poemas do menino Lopes Vieira, então com 15 anos, na imprensa periódica, ao lado dos poetas consagrados e destacados da época como Victor Hugo, Guerra Junqueiro ou Almeida Garrett.

Estudante de Direito em Coimbra, publica os primeiros livros de poesia e começa a ser reconhecido, afirmando-se como uma revelação, entre os intelectuais da sua geração. *Para Quê?*, de 1887 e *Naúfrago. Versos Lusitanos*, do ano seguinte, são ainda devedores de uma poética decadentista, com os resquícios do sentimentalismo e das melancolias românticas. Esta fase coimbrã prossegue com *O Meu Adeus*, de 1900 e *O Poeta Saudade*, de 1901, mas em breve o jovem poeta evolui para outras poéticas mais inovadoras, onde a veia anarquista, rapidamente suplantada pela panteísta, mostra um escritor em busca de um lugar para a individualidade da sua voz.

Ar Livre, de 1906, é um dos mais originais livros de poesia de Lopes Vieira, mas foi também aquele que mais preocupações trouxe ao seu autor, classificando-o como uma excepção no harmonioso corpo da sua obra. *O Pão e as Rosas*, de 1908 e *Rosas Bravas*, de 1911, estão próximos dum franciscanismo panteísta, que culminará no conhecido livro: *Canções do Vento e do Sol*, de 1911. Nesta fase, com algumas ressonâncias simbolistas, as relações entre a poesia e a música podem sintetizar-se na célebre balada *Dança do Vento*, que conheceu inúmeras interpretações de sucesso durante várias décadas:

*O vento é bom bailador,
Baila, baila e assobia,
Baila, baila e rodopia
E tudo baila em redor! [...]*

Com *Poesias sobre as Cenas Infantis de Schumann* (1915), *Ilhas de Bruma* (1917), *Canções de Saudade e Amor* (1918), *País Lilás, Desterro Azul* (1922), Lopes Vieira entrou definitivamente no cânone literário da sua época como um dos consagrados. É possível que a grande aceitação por parte do público seu contemporâneo, bem como a quase unanimidade valorativa das críticas literárias tenha contribuído para um reforço da capacidade auto-crítica de Lopes Vieira, levando-o, na maturidade dos 50 anos, a reajustar a importância atribuída à sua poesia. Aliás, o poema de abertura de *País Lilás, Desterro Azul* já prestava contas dessa (auto-)consciência de uma poesia que tinha abusado da temática e das formas tradicionalistas e se pressentia à beira do esgotamento:

PRELÚDIO

Não tenho culpa, meu Deus,
de fazer versos assim;
pensando bem, não são meus,
são de alguém que canta em mim.

Alguém do Lilás País
do meu sonho, à luz violeta;
pensando bem, um poeta
é a voz por que um povo diz.

E o País Lilás se doira
no além da saudade plena...
— País Lilás, pátria loira
desta saudade morena.

Nostalgias da alma êxul,
canções do mais longe, além...
— País Lilás, que és também
Desterro Azul.

Em 1927, apresenta uma antologia da sua poesia, *Versos de Afonso Lopes Vieira*, seleccionando o que o seu perfeccionismo designava como *o melhor que tinha feito*, acreditando assim encerrar a sua vocação poética. A partir dessa data dedica-se à prosa, ao registo ensaístico e à restituição de algumas obras-primas da literatura portuguesa, mas o destino poético não estava ainda lacrado.

Em 1940 aparece o epigonal livro de poesia, *Onde a terra se acaba e o mar começa*, de fortes ressonâncias camonianas, saudado pela crítica como o mais original e criativo entre todos. Aí Lopes Vieira assume uma voz menos aprisionada, liberta dos apertados preceitos do romancista tradicional e em franco e empenhado diálogo com as circunstâncias de um tempo que era o seu. João Gaspar Simões e Jorge de Sena encontraram nos derradeiros poemas marcas de uma modernidade tardia, procurando resgatar o poeta da inclusão exclusiva num saudosismo ultrapassado. Rótulo que não deve menosprezar-se no entendimento de um certo esquecimento a que a figura de Lopes Vieira será votada pela geração dos neo-realistas ou mesmo no silenciamento da sua obra depois da revolução de Abril.

O *Cantar 4*, como destacou David Mourão-Ferreira em 1978 (sendo Secretário de Estado da Cultura, nas comemorações do 1.º centenário do nascimento do escritor), remando contra essa onda de silêncio, é um exemplo da nova *virilidade poética* alcançada por Lopes Vieira:

*O poeta português
Que não passar ao menos uma vez
Pelas prisões,
Não será digno aluno de Camões.*

*Senhores carcereiros
Desta terra que o sol tanto alumia,
Sois musas e parceiros
Da nossa Poesia.*

*E não é em verdade
Portuguesa a saudade
Que não tiver também Virilidade.*

No registo bucólico, mas com uma tonalidade de crítica política evidente, Lopes Vieira tinha escrito em 1935 as polémicas — e ainda hoje tão pouco conhecidas... — *Éclogas de Agora*, distribuídas de mão em mão pelos amigos, numa edição de autor que jazeu durante muito tempo, escondida da Censura, na casa das Cortes. Nesse período, e até ao fim da sua vida, o distanciamento do escritor do regime salazarista foi uma constante, tendo alinhado ao lado dos “homens livres”, fazendo parte do grupo de intelectuais conhecido por *Grupo da Biblioteca Nacional*, do qual fizeram parte nomes maiores da cultura portuguesa como Aquilino Ribeiro, Raul Proença, Jaime Cortesão, entre outros. Por isso a cruz de Cristo é um elemento iconográfico fundamental para perceber a estesia do escritor, tendo sido arvorada numa bandeira, na casa de S. Pedro de Moel, emblema da cruzada pela nacionalidade, encastrada em azulejos nas sacadas da varanda, reproduzida nalguns dos livros finais e escolhida para cobrir a urna do escritor, falecido em 25 de Janeiro de 1946.

Marinheiro em terra...

Ouve-se o mar rolando o seu grande Canto,
Ó delícia a beleza de ouvir e ver o mar!... (maço VI, frag. 13)

Na casa de S. Pedro póde fazer-se às vezes a balada do rei de Tule, — atirar a Taça ao mar! (maço VI, frag. 90)

Fui o marinheiro condenado a viver em casa, — com perpetuas saudades do Longe e do luar. (Bloco de Notas 1, frag. 10)

*Notas Diversas e Bloco de Notas in
Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal. Inéditos (vol. II, IN-CM,
2005), pp. 344, 350 e 442 .*

Muito mais do que um poeta epocal, atento a todas as manifestações artísticas do seu tempo, Lopes Vieira ocupou um lugar central na vida cultural portuguesa dos últimos anos do século XIX e primeira metade do século XX.

Cristalizou em si mesmo a ideia de que a *técnica dum artista é o esforço que ele emprega em encobrir o esforço da criação* (*Inéditos*, 2005: 324), o que fez com que nele o natural e o artificial funcionassem como duas faces de uma mesma moeda. A maneira impecável de vestir, o rigor do monóculo, o aprumo da bengala ou das polainas, que teimava em continuar a usar mesmo quando já tinham passado de moda, transformou-o uma figura pública facilmente caricaturável. O número elevado de caricaturas do poeta presentes na imprensa periódica da época é uma boa medida da popularidade alcançada pela sua figura. A moda da camisa de pescador, inaugurada por Lopes Vieira e perpetuada no conhecido retrato de Eduardo Malta, permanecerá como imagem de marca do *aristocracia popular*. Cuidado até ao requinte do pormenor, nada foi deixado ao acaso, quer na sua imagem pública quer na atenção prestada à sua obra. Modelou-se e à sua obra, numa procura constante da perfeição estética, com um espírito de missão pela defesa dos valores da Portugalidade.

No entanto, a imagem de distanciamento que pode ler-se na construção deste auto-retrato, tão idealmente perfeito quanto narcísico, é enganadora. Lopes Vieira convivia e fazia amigos entre homens de todas as classes sociais. É conhecida a sua amizade com a Sr.^a Maria Laranjo, da praia da Nazaré, imortalizada num poema de *Onde a terra se acaba e o mar começa* e numa belíssima fotografia. Mais do que um poeta popular conquistou a sua simpatia e teve a honra de ser prefaciado pelo escritor. Lourenço Chaves de Almeida, distinto ferreiro de Coimbra, foi descoberto e lançado no mundo artístico por Lopes Vieira. O poeta prezava nos outros justamente aquilo que o tornava único: a diferença estética.

Como esteta assumido foi abundantemente retratado por alguns dos artistas proeminentes do seu tempo (Columbano, Adriano Sousa Lopes, António Carneiro, Eduardo Malta), num evidente sinal de memória perpetuada. Com esta visão entranhadamente estética do real, não é de admirar que tenha sido dos primeiros a interessar-se pela fotografia como possibilidade artística. Logo em 1909 escreve um artigo sobre fotografia para a *Ilustração Portuguesa*, com reprodução de vários clichés do autor e dedica-se à técnica da revelação num improvisado laboratório na casa de S. Pedro de Moel. Algumas

das suas fotografias artísticas têm sido ultimamente divulgadas, devolvendo ao escritor uma fatia incontroversa de modernidade estética. A paisagem marítima e o pinhal de S. Pedro de Moel, quase predominantemente, mas também alguns recortes campestres dos arredores de Leiria, foram os motivos naturais aproveitados pelo olhar fotográfico do poeta, numa reacção emocional à paisagem envolvente, condição primeira da sua poética sensibilidade.

Esteta de si-mesmo, usufruiu de uma situação financeira de filho-família que lhe permitiu dedicar-se integralmente à causa da cultura portuguesa. Definiu-se como um *marinheiro em terra*, e a casa-nau foi o lugar de eleição para uma constante navegação pela arte portuguesa e o vivo impulso para a riqueza da sua oficina de escrita. A casa, como um búzio, acompanha o *ex-libris* petrarquista do poeta — *or piango or canto* — numa simbiose perfeita com o refrão popular tão glosado por Lopes Vieira: *Minha alma é só de Deus / o corpo da água do mar*. Serviu o sonho do *nobre arauto e mantenedor da cultura portuguesa* (nas palavras de Carolina Michaelis de Vasconcelos) e abriu-lhe a janela para o mar das *Ilhas de Bruma*.

O rosário de ideias, trabalho do inconsciente

Um bom leitor é precioso porq. é realmente um collaborador. Aos bellos livros q. nós lemos, sempre alguma belleza acrescentaâmos — e mesmo senão pelo q. nós lhe mettêmos dentro. (maço I, frag. 2)

Sem ti, q. me lês, nada será a obra.

O mais belo verso, lido mal *por querêr*, será mau. (maço IV, frag. 233)

*Notas Diversas in
Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal. Inéditos (vol. II, IN-CM,
2005), pp. 215 e 304 .*

Perfeccionista, travando uma imensa batalha pela pureza da língua que moldava, nunca abandonou um texto antes de o julgar pronto, ou melhor, *definitivo*. Nas “Breves Notas de um Estudante da Língua” confessa: “28. Gostava que os meus livros (os que menos me desconsolam) tivessem edições sucessivas, só para chegar ao texto definitivo, se o há.” (in *Nova demanda do Graal*, 1942: 299). Por isso os seus livros se podem dividir em duas categorias: aqueles que tiveram uma única edição em vida do seu autor; e aqueles que publicou sucessivamente, numa óbvia busca de aperfeiçoamento, resultado de um amadurecimento intelectual e de uma preocupação constante com a pureza da linguagem.

Mas há ainda um imenso espólio (depositado na Biblioteca Municipal de Leiria, inaugurada em 30 de Abril de 1955 e que constitui actualmente o núcleo patrimonial mais valioso da instituição), onde se podem encontrar elementos documentais imprescindíveis para o estudo da génese da obra e dos processos criativos de Lopes Vieira. Núcleos substanciais desse espólio têm vindo a ser acrescentados, sobretudo a partir de doações de particulares.

Uma parte da obra manuscrita de Lopes Vieira tem repousado inédita dentro da caixa de charão vermelho, foi legada pela sobrinha do poeta, Maria da Luz Wasa de Andrade, e reveste-se de enorme interesse literário. Pouco se sabe de concreto sobre as intenções do escritor quanto ao futuro a dar a estes *papéis*, mas é legítimo aventar que os manuscritos chegados até nós resultem de uma selecção prévia provavelmente do próprio Lopes Vieira ou, pelo menos, da sobrinha. Aparentamentos vários, páginas de diário, esboços de livros, planos de memórias, ideias em germinação, anotações de viagens, conferências e discursos proferidos mas nunca publicados, rascunhos de poemas, pequenos recortes de papéis impressos com anotações manuscritas, alguns dactiloscritos, esboços de desenhos destinados a capa de livros, fotografias com dedicatórias, anotações à margem de livros, pedaços de papel com notas aforísticas... — uma amálgama de tudo isto e muito mais se pode encontrar nesse misterioso baú, reserva duma intimidade suspensa no tempo.

Seis desses cadernos, sem título, formam um conjunto harmonioso, próximo do registo diarístico, embora com pouca datação precisa, que intitulámos *Notas Diversas*. Constituídos por anotações fragmentárias, destinadas à obra poética depois publicada ou funcionando como esboço de pensamentos ou de ensaios idealizados (alguns dos temas enunciados são depois explanados na recolha de 1922, *Em demanda do Graal*), são um repositório de grande valor para o estudo dos processos de escrita de Lopes Vieira. O

manuscrito *Jornal dum Poeta* revela-nos um pouco do diário que o escritor projectou como uma das suas obras prioritárias; *Soror Mariana* corresponde ao rascunho de uma peça teatral sobre a figura de Mariana Alcoforado, que foi por diversas vezes abordada na poesia; *Sôbre a vida e a arte* são selecções de excertos dos artistas, cientistas e intelectuais sobre pontos de intersecção entre a vida e arte, duas das metáforas obsessivas de Lopes Vieira; *Arte de Admirar* compreende um plano e a introdução de uma obra de cariz didáctico destinada aos jovens, com o objectivo de lhes ensinar a ver o lado estético da vida, e pensada em conjunto com o médico Reinaldo dos Santos; *Memorial de um construtor de nuvens* é o que sobra dos planos e o esboço preliminar de um livro de memórias, que em 1935 o escritor vinha anunciando com vários volumes, e tendo afirmado o primeiro pronto para publicação; *Serenata Patarata* é o texto destinado a uma peça teatral para fantoches; e os apontamentos para a 2.^a ed. de *Bartolomeu Marinheiro* são fundamentais para uma edição crítica dessa obra dramática para a infância. Além deste volumoso núcleo, há ainda um conjunto de treze discursos e conferências, relacionados com eventos específicos, que só foram pronunciados oralmente e permaneceram inéditos, embora o seu valor seja bastante mais circunscrito do que o núcleo referido anteriormente.

Perfeito esteta e consciencioso homem de letras, Lopes Vieira teria percepção clara da mais valia destes materiais de escrita para o delineamento da sua imagem como escritor e para o futuro de uma história literária virada para a produção e recepção das obras literárias. Se rejeitou alguns destes documentos — por os considerar fragmentários ou inacabados, em desajuste gritante com a sua concepção de obra acabada e de texto definitivo — não os publicando em vida, terá também resistido a queimá-los, num gesto de preservação não isento de cumplicidades com a posteridade.

Entre a multiplicidade desses textos manuscritos, aqueles que têm um cariz literário emergente permitem-nos entrever uma *história íntima* de Lopes Vieira diferente da história oficial do escritor. A pertinente reflexão, inédita durante quase um século, revela-nos a inesperada actualidade do seu pensamento crítico, enunciando algumas das premissas dos estudos literários neste início do século XXI:

Nenhum escritor, q. eu saiba, enumerou ainda as obras q., no seu espírito entrevistas, vividas, acabadas, — apenas contudo por escrever, — lhe morreram assim como vivêram, sem lograrem interiorização — ser factos. Seria curioso, para a história íntima dos espíritos, conhecer essas listas de mortes interiores, vagos sonhos planeados, esvaidos pela evolução do ser q. as gestou, ou varridas por um vento novo, ou esquecidas em pregas obscuras da alma para tornarem a tomar corpo, mais tarde, ou simplesmente evolucionando numa lenta e caminhante evolução até dispararem, um dia, numa obra já realizada, mas diversa da *outra*, sua fonte primeira e obscura... Todo aquelle, o mais modesto, q. manuseia ideias, q. as traz ao peito e as emancipa, uma vez, no livro, no quadro, na nota, haverá de recordar como a sua obra, — palavras, côm, musica, — é realmente a variante mais definitiva, a cristalização apenas mais estavel duma outra obra q. produziu vida à custa de inumeras vidas parciaes de ideias, que, como mulheres mortas de parto, morreram dando vida à luz. Por cada ideia q. logrou fixar-se, um rosario de ideias, — criadoras desta, — foi sacrificado, no trabalho mental, profundo, do inconsciente.

Notas Diversas — Maço I, frag. 210 (Inéditos, 2005: 239)

Fonte primeira e obscura da obra publicada, a fragmentação dos inéditos, vindos a lume pela primeira vez na edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Janeiro de 2005), revela-nos um escritor diverso, irónico e crítico, por vezes tragicamente desiludido com a impossibilidade da sua nobre missão artística. Neste lugar da escrita *não definitiva* desenha-se um outro Lopes Vieira, capaz de interagir com o leitor do século XXI, como o escritor parece ter adivinhado, em longínquos acenos, breves como um piscar de olhos, mas com força para atravessar a barreira do tempo e do esquecimento. Os leitores de hoje podem agora recriar um novo poeta-marinheiro, no melhor da sua capacidade reflexiva, numa afirmação clara de fecundidade literária póstuma.